

Acesso a embalagem do livro infantil

Flávia Brocchetto Ramos*

Neiva Senaide Petry Panozzo**

Resumo:

A formação de um leitor competente exige a interação com diferentes códigos e deve iniciar ainda na infância. Como circulam nas escolas livros infantis, propõe-se a leitura da capa dos mesmos, a partir da visualidade e da palavra, a fim de instrumentalizar os docentes para desenvolver a competência leitora das crianças, através da interação com diferentes códigos, como também orientar o processo de apreensão da obra. Nesse sentido, este estudo apresenta uma proposta de leitura para a capa de *Balaio de gatos* e *Todo cuidado é pouco*, buscando orientar o processo de apreensão das obras a partir de pressupostos da teoria semiótica de Greimas (1991) e de reflexões de Zilberman (1984). Na seqüência, elabora-se um roteiro de leitura de capas de livros, o qual pode ser empregado pelos professores como uma abordagem do livro infantil.

Palavras-chave:

Leitura. Literatura-Métodos de ensino. Literatura infanto-juvenil. Crianças-Livros e leitura.

*Professora no Departamento de Letras da Universidade Caxias do Sul e no Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISC. Doutora em Linguística e Letras pela PUCRS.

**Professora no Departamento de Educação CARVI/Universidade Caxias do Sul. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

*Os maiores bolsos que existem são os olhos dos homens
que guardam todo o mundo.
(Fabiana Tasca Perin)*

Introdução

O livro *Os bolsos do mundo*, de Perin (2003), mostra diferentes elementos da natureza que atuam como bolsos, ou seja, um espaço que guarda algo. Assim, o ovo é bolso do passarinho, a nuvem, bolso da chuva e o maior bolso do mundo é o olho, que pode guardar tudo o que existe. O olho, porém, mesmo que as coisas estejam na sua frente, não vê tudo, porque não apreende alguns aspectos do observado, não apreendendo a totalidade. Assim, impõe-se a educação do olhar, a fim de perceber cuidadosa e seletivamente o que é visto.

Se os olhos são bolsos do mundo, precisamos ajudar a criança a olhar criticamente os objetos com os quais convive e entre eles destacamos o livro infantil, mais especificamente, o bolso do livro que é a capa, a qual tem a função de guardar o miolo, que é a história, além de convidar o leitor para mergulhar no interior do objeto.

Este artigo¹ se propõe a analisar possibilidades de leitura das capas dos livros *Todo cuidado é pouco!*, de Roger Mello (1999), e *Balaio de gatos*, de Maurício Negro (2000) e, na seqüência, apontar um roteiro para que o leitor e, em especial, o professor desenvolva a sua percepção sobre os elementos da capa e, posteriormente, aos aspectos internos do livro, seja em prosa ou em poesia. Acreditamos que o docente só poderá auxiliar a criança na apreensão da capa depois de ter experienciado a leitura da mesma.

Começar a ler, vendo?

As crianças geralmente iniciam o processo de aprendizado da leitura de modo autônomo, a partir do contato com impressos, entre eles, os livros, principalmente os de literatura infantil. As primeiras experiências de natureza lúdica e de descoberta têm a marca essencial das qualidades sensoriais e plásticas. São precisamente os elementos gráfico-plásticos aqueles que fixam inicialmente a atenção dos pequenos, aqueles pelos quais o texto começa a ser percebido pelo leitor. A capa e a contracapa são os limites materiais da história ou dos poemas contidos no seu interior;

ambas desencadeiam informações e fazem emergir hipóteses do que se pode esperar do texto. O efeito dessa apresentação é semelhante ao de uma embalagem que, por suas características, suscita o desejo da posse, guarda um mistério, ativa a curiosidade e, ao mesmo tempo, sinaliza algumas possibilidades à mente de quem se aproxima desse objeto.

As pistas oferecidas pela capa colaboram para a compreensão da história, pois a interação se inicia antes da leitura formal do texto interno. O tocar o livro, contemplá-lo como objeto de observação atenta é o início do processo de leitura. Assim, apreciar ilustrações e palavras, apropriar-se das informações que estão disponíveis em uma capa pode influenciar na compreensão, especialmente quando se trata de literatura infantil, gênero que se vale dos códigos verbal e visual. Essas duas linguagens convidam à interação e proporcionam o entendimento da obra pelo leitor.

Caminhando em círculos?



Figura 1

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

(João Guimarães Rosa)

Iniciamos pela análise da capa de *Todo cuidado é pouco!*, de Mello (1999)². Nela vemos várias pessoas dispostas em círculo e próximas às bordas. As pessoas que, pelas suas posições, sempre se apresentam invertidas em relação ao plano de equilíbrio do leitor. A cor amarela, usada para grafar o título, irradia luz sobre um espaço azul, mimetizando um céu com um sol ao centro. Ao visualizar a capa, a primeira impressão pode causar sensação de desconforto e confusão pela diversidade de elementos; entretanto, a curiosidade é ativada e busca-se saber qual a razão para esse grupo estar assim organizado.

A circularidade presente nos componentes da capa propõe movimento, num efeito de redemoinho. Algumas formas, na parte interna, como gotas roxas, sugerem um giro e, nas bordas, outras gotas azuis repetem o efeito, mas em sentido contrário. São criadas áreas distintas, com pessoas cores e formas – elementos diversos que, provavelmente, indicam confusão e conflitos, resultado de diferentes interesses humanos.

As figuratizações são basicamente de dois tipos: seres humanos (homens e mulheres) e objetos. As distinções entre as pessoas se fazem pelo vestuário e pelos objetos que levam, podendo-se supor que sejam os personagens que participam da história, como a mulher gorda e elegante, vestida de preto; outra caracterizada como dona de casa, segurando um bule; um homem de calça amarela, blusa feita de retalhos e uma touca na cabeça que pode ser um palhaço; outra pessoa vestida de forma usual (calça e paletó) tem um rádio embaixo do braço, seguindo outro sujeito de turbante, sapatos e roupas orientais; possivelmente, trata-se de um sultão. Fechando o círculo, vemos um homem de calça branca e camisa cinza – novamente, a casualidade no vestir – com um pequeno frasco preso ao pescoço, sem uma identificação específica do papel que desempenha.

As expressões desses personagens chamam a atenção. A mulher elegante, vestida de preto, tem os olhos fechados, parecendo satisfeita, ao contrário, a outra senhora à sua frente segura um bule amarelo e seus olhos estão bem abertos, numa expressão séria, como se estivesse protegendo seu objeto; já o homem adiante, sorri e olha enviesado, tendo suas mãos nas costas do seu companheiro do rádio. Esse último olha fixamente para o sultão, que tem uma expressão severa e dedos curvados, traços que lhe dão ar de ganancioso, de alguém que busca ou quer pegar algo. O círculo é fechado com o homem do frasco no pescoço, olhando para cima e com as mãos estendidas, talvez implorando ou na espera de algo que caia do céu, embora, na capa, o céu está localizado no centro, num círculo azul-escuro.

Esse grupo humano tão diversificado pode ser uma referência à humanidade que divide um mesmo espaço na busca de algo, movida por desejos e por valores. Observando os objetos, o bule carrega um conteúdo do mundo doméstico, o lar, a alimentação, a necessidade básica de sobrevivência; o rádio é tomado como um elemento de valor cultural ou tecnológico ou, simplesmente, por um bem de consumo que estabelece uma ligação com o mundo externo em oposição ao bule; a jóia no turbante do sultão sinaliza o valor monetário, mas pode ter também uma conotação mágica, uma vez que, socialmente, são atribuídos poderes às pedras preciosas e aos amuletos; o frasco amarrado ao pescoço do homem, independente do seu conteúdo, pode representar a ciência, uma poção preciosa.

Além dessas imagens, existem dois grafismos que lembram espirais configuradas em quadrados, um no canto inferior esquerdo e outro no canto superior direito, acrescentando um caráter enigmático à capa, a qual, como já foi sinalizado, aparentemente, é confusa. Há, também, a quarta parte de uma rosácea no canto inferior direito, local de toque do leitor para abrir o livro, de modo que a incompletude reforça o enigma. Esses últimos elementos são pontos fixos que ancoram os demais componentes marcados pelo dinamismo da capa.

Os círculos, incluindo o das pessoas, indicam um movimento coletivo e contínuo, na mesma direção. As pessoas ali representadas se deslocam a passos largos como se estivessem com pressa, quase que pisoteando umas às outras. O fato remete a ditados populares: “não dê o passo maior do que a perna”, pois, nessas ocasiões, “todo cuidado é pouco”. A leitura do texto verbal, dentro do livro, confirma essa relação, sugerida pelos elementos visuais da capa.

Ditado popular empresta força ao texto?

O título da obra, ao centro e disposto em semicírculo, reforça a noção de circularidade já percebida na capa. As palavras “todo” e “cuidado” estão nesse semicírculo e, mais abaixo, entre elas, localiza-se “pouco”. A diagramação é uma estratégia utilizada para enfatizar “pouco” em oposição a “todo”; pois cuidado e atenção nunca são demais. O alerta se faz mais evidente pela cor amarela do título, o termo “é” está acima de “pouco”, acompanhado de um sinal de exclamação logo abaixo dessa palavra. A centralidade dos elementos acentua a relevância deles no campo semiótico da capa, os quais

indicam o âmago dos problemas, focalizados no “ser”. O ponto de exclamação estabelece uma barreira, um obstáculo aos movimentos rotatórios da capa, fechando o círculo. O sinal sustém o movimento frenético sugerido pela disposição dos personagens e relaciona-se ao ditado popular que aconselha como evitar problemas e confusões, o “todo cuidado é pouco!”.

O ditado sugere uma advertência, um lembrete usado em momentos de perigo. Por sua vez, numa situação de medo, o sujeito se encontra prestes a perder algo precioso, simbolicamente, por exemplo, uma jóia, um utensílio doméstico ou até mesmo a vida. É provável que seja essa a razão pela qual os atores da capa agarrem seus pertences para protegê-los.

Um olho que olha ou é olhado?



Papai abre um livro e vira as páginas. Uma história se desdobra como bandeira ao vento.

(Kate Banks; Georg Hallensleben)

Figura 2

Uma história se desdobra como bandeira ao vento, história e bandeira manifestam movimento e energia, ambas vivem pela ativação externa. O resultado da ativação depende das potencialidades do sujeito que aciona o objeto/ser. Isso pode ser claramente percebido na leitura da obra *Balaio de Gato*, de Negro (2000), que, apesar de colorida e figurativa, dados que apontam para um leitor iniciante, é apropriada a sujeitos com mais maturidade, devido ao diálogo que a história propõe com diversos personagens, que vivem em épocas e culturas distintas, exigindo níveis mais profundos de entendimento.

A capa do livro apresenta um grande olho de gato, em cuja íris verde estão gatos de tamanhos e formas distintas. Há uma variação de brilho e efeitos de textura, perceptível apenas no original, pois a íris tem brilho criado por uma textura mais lisa que reproduz o reflexo natural de um olho. As demais partes do olho e o plano de fundo são opacos e o contraste entre o fosco da capa e o brilho da íris marca e define o interesse dirigido para a área central.

O reflexo de luz na íris pode ser tratado como uma espécie de espelho que reflete o mundo externo, em que o leitor é representado por qualquer um dos gatos. Se for um espelho, também pode identificar-se ou mesmo observar-se. Outra possibilidade de leitura seria a de o receptor estar diante de uma janela que se abre para o mundo dos gatos. Instala-se um jogo de olhares, para revelar, situar e dar-se a conhecer.

O que entra num balaio de gatos?

Adotando a noção de reflexo, é possível dizer que cada gato representa um tipo de destinatário-leitor, uma vez que, ao lermos uma obra, normalmente, nos identificamos com um ou mais personagens. Nesse sentido, lembramos do poeta Mário Quintana (1980, p. 9) que em “Os poemas” metaforicamente compara poemas a pássaros, no sentido de que o texto movimenta-se: “Eles [poemas] não têm pouso/ nem porto/ alimentam-se um instante em cada par de mãos/ e partem.” A concretização do texto depende das vivências e possibilidades do leitor. O poeta ainda conclui “que o alimento deles [poemas] já estava em ti”. Ressaltamos, assim, que o sentido construído para a arte pré-existe no sujeito, fato que explica porque buscamos obras que têm relação com nossas vidas e com as quais nos identificamos, como também justifica as diferentes leituras de uma mesma obra. *Balaio de gato* propõe múltiplos sentidos, dependendo das experiências do leitor, pois são essas que possibilitam as interpretações, dentro do universo de significação ali constituído.

Se concebermos a íris como uma janela, uma abertura a outra realidade, os gatos simplesmente estão querendo mostrar-se, a fim de aparecer numa foto ou de chamar a atenção de alguém, pois, pelas expressões demonstradas, todos sorriem, entretanto, alguns gatos têm um riso forçado e, até mesmo, fazem pose. No mesmo local, centro da página e do olho, os felinos se aglomeram em atitude festiva, sinalizando comemoração.

Na parte inferior, aparece o nome do autor com letras em branco, acrescido da vogal “i”, lendo-se “M i a u r í c i o”, criando assim a impressão de um miado, o que já anuncia a proposta de ludismo, confirmada a seguir. Ao pé da página, está o logotipo da editora Global: um “g”, coincidentemente é a mesma consoante de gato, acrescida de rabo e bigodes, lembrando o felino. O título, *Balaio de gato*, está graficamente localizado em uma posição superior, acima do “olho de gato” e acompanhando a curva/movimento da figura. O título, assim como a disposição dos gatos, sugere confusão, desordem.

A hipótese do espelho se confirma, ao virar da capa, pois o texto interno apresenta a imagem central, entre duas colunas de material escrito, de um gato branco ao espelho, que observa o seu reflexo. A simbologia dos espelhos aparece como dualidade, como a face oculta que se mostra. O espelho é visto pelo gato como um espaço aquático em que um pequeno peixe – evocação do objeto de desejo – se mostra, nadando. Mas esse gato refletido também é visto de costas, do lado de fora do espelho e o animal que paira sobre sua cabeça, externamente, é uma borboleta. Mito, fantasia, imaginação e realidade projetam o desejo do personagem gato/humano que na última página do livro é revelado como um bebê, deixando pegadas de gato.

O texto, a partir da capa e também internamente, se desdobra em clara referência a objetos de desejo do mundo masculino adulto. As conexões com contextos de tempo e épocas distanciadas do mundo infantil provocam dificuldade de estabelecer pontos de ancoragens para o leitor mirim. O enunciatário ali construído não se conecta com o universo da criança. Há outros níveis de leitura, não constituídos pelo infante, devido à falta de âncoras cognitivas que lhe permitem reconhecimentos do universo textual apresentado.

Este texto exemplifica a necessidade de o(a) professor(a) fazer uma leitura analítica previamente, para selecionar adequadamente tópicos que possibilitem conexões e familiaridade com o público visado. Quando as referências disponíveis no acervo pessoal não auxiliam a constituição das redes de significado, a leitura é esvaziada. Ressaltamos ainda a necessidade de uma exploração prévia, uma apropriação do texto e, a partir disso, pensar a proposta adequada de leitura. O livro, embora visualmente atrativo, traz desafios à criança que não detém conhecimentos prévios sobre o conteúdo para compreendê-lo sozinha. Há um conjunto de pistas e informações de culturas variadas, marcas de diferentes eventos distanciados no tempo e que pertencem ao

universo do adulto, portanto a criança, sem domínio do contexto, tem apenas condições de efetuar uma leitura superficial, descritiva, o que restringe sua compreensão. Aquele balaio de gatos, anunciado pelo título e pela multiplicidade de personagens, pode ser um indicativo da pluralidade de leituras.

Leitura de capas

As respostas desobedecem às perguntas. [...]
(Fabricio Carpinejar)

Levantar hipóteses, para quê?

Na prática de leitura visual e verbal é de extrema importância a exploração das percepções e das hipóteses relacionadas às mesmas. A mobilização cognitiva que se estabelece quando se dialoga com a criança e se instiga à formulação de suas próprias idéias em relação ao que está sendo apreciado é fundamental.

A interação de um sujeito com objetos culturais, pela natureza artística destes, tende a prescindir de um outro fator, a fim de que se estabeleça de fato a relação entre o receptor e a arte. Esta é um objeto intencional e simbólico, caracterizada pela opacidade. Dessa forma, seu sentido não se dá facilmente, surge à medida que o leitor vai constituindo um processo de significação. O texto apresenta apenas alguns dados e o leitor com sua experiência vai preenchendo os vazios inerentes ao texto artístico (ISER, 1996). A presença desses vazios, entre outros elementos, se por um lado ameniza a assimetria do texto, por outro exige a participação mais ativa do leitor na concretização da obra. O leitor não familiarizado com a linguagem artística tende a ter dificuldade no preenchimento dos vazios, pois nunca tem certeza de que suas concretizações são as mais adequadas.

Assim, para que haja apropriação do texto artístico, é fundamental a presença de mediadores de leitura. Tal profissional criaria estratégias para convidar o possível leitor a ingressar na obra e o convite pode se efetivar por meio da curiosidade instigada. Assim, o docente deve contribuir para a instrumentalização do seu aluno de modo que este seja também leitor. Sugerimos, neste artigo, que o processo se inicie pelo levantamento de hipóteses sobre o conteúdo do livro, a partir dos elementos verbais e visuais percebidos na capa.

Indagações sobre o autor, título e editora podem iniciar a proposta de leitura. Caso a turma dê respostas às questões, estas podem ser anotadas no quadro, a fim de averiguar, após a leitura, a confirmação ou não dos dados levantados. A discussão dos dados da capa inclui a visualidade, salientando as personagens e espaço onde estão inseridas. Convém questionar sobre a possível atuação dos seres no enredo como também criar hipóteses sobre a provável trama.

Uma rota para leitura de capas

Mesmo que as respostas muitas vezes não respeitem as orientações postas nas perguntas, estas são um caminho que pode orientar a percepção frente a determinado objeto. Uma pergunta sobre certo conteúdo é um recorte sobre o mesmo e revela um enfoque, ou seja, o que é prioritário olhar nesse todo que se mostra.

No que se refere à capa, em virtude da sua função e pela diversidade de dados que ela contém, devemos explorá-la atentamente antes de adentrar no livro ou de trabalhá-lo na escola. Assim, apontamos algumas características relevantes na composição do invólucro do livro. Cada tipo de texto e sua organização têm particularidades que são pontos de apoio, os quais chamam a atenção do leitor; podem ser os objetos ou a forma como eles estão apresentados, aspectos referentes à cor e à disposição dos componentes no espaço. Partimos de perguntas mais gerais e, aos poucos, vamos focalizando as particularidades. A dinâmica se processa pelo questionamento, pela atenção às respostas dadas e pela apresentação de perguntas que levem a argumentar, justificar o por quê das afirmações, ajudando a localizar informações no texto. As questões fazem pensar e estabelecem um elo entre o conhecido e aquilo que se busca conhecer. Nesse sentido, elas ajudam a criança a construir a proposta semântica de uma obra. Os elementos auxiliares na compreensão da leitura podem abranger o panorama construído e a identificação dos seus elementos, o material utilizado como suporte, as informações ali contidas, além das relações que se estabelecem entre todos os aspectos manifestos.

Apresentamos algumas questões que podem orientar a leitura de capas. Elas estão agrupadas em três focos: panorama da obra, materialidade do objeto livro e estabelecimento de sentido pelas relações criadas na associação de elementos.

Sobre a configuração do panorama

O que se percebe ao olhar a capa? O que mais chama a atenção do olhar?
Qual a sensação que o percebido oferece?
Quais são os objetos, cenários, personagens que estão na capa? Eles remetem a alguma situação, sentimento ou associação em especial?
Quais as escolhas feitas para produzir a capa em relação a: encadernação, tamanho do livro, formato, figuras representadas, tipo de fundo, cores, tipo de letra e tamanho da fonte, palavras utilizadas?
Os elementos compositivos de linha, espaço, cor, perspectiva, luz, entre outros, criam um clima específico? Remetem a algum pensamento ou sentimento em especial?
Como é tratado o título: tamanho, forma, cor, disposição na página, particularidades?

Sobre o material que constitui o livro e as informações que esse material carrega

Qual é tipo/consistência/textura do papel da capa e do miolo do livro?
Há plastificação? A capa é dura? Qual seria a função desses elementos?
Há orelhas? Que tipo de informação elas contêm? Quem assina?
Que dados existem na contracapa ou quarta capa?
O nome da editora está na capa? Em que lugar? Já viram esse logotipo em outra obra? Qual?
Há representação de algum selo da série a que pertence a obra ou de premiação?
Cada obra tem um número de registro como uma pessoa tem a sua identidade e CPF. O número de registro/cadastramento do livro é o ISBN. Onde está esse número?
As imagens da capa remetem a alguma cultura ou estilo em particular?
É possível identificar traços de movimentos artísticos nas imagens?

Sobre o estabelecimento de relações

Há relação entre o sentido do título e os demais componentes como o tipo de papel, de letra, de disposição e modo de apresentar os seres no espaço?

De que forma os elementos percebidos se articulam? É possível identificar repetições e/ou contrastes?

Qual é o lugar ocupado pelos personagens individualmente na capa? Eles constituem uma cena? Qual?

A imagem da capa se repete dentro do livro? Qual é a função?

Se existem personagens, estão representados de modo idêntico dentro do livro, com a mesma indumentária? Tem a mesma expressão facial?

Observar, ainda, posturas como altivez, submissão, alegria, tristeza.

Que significados esses elementos sinalizam?

Considerações finais

A revolução cultural e tecnológica que marca a atualidade disponibiliza artefatos que exigem, como resposta, e com máxima urgência, a criação de maiores e mais variados conhecimentos, acessíveis através do desenvolvimento de competências que dêem conta dessa demanda desafiadora. Cabe ao processo educativo contribuir para que pessoas sejam cada vez mais capazes e inteligentes, instrumentalizadas nos campos sócio-cognitivo e cultural, através da interação propiciada pelo ensino de qualidade.

Portanto, a educação almeja a efetivação de processos que se articulam no sentido de promover o acesso à construção do saber e a relevância central reside na leitura, fundamental como porta de entrada para o desenvolvimento das funções superiores do pensamento, para se alcançar o refinamento da compreensão e da sensibilidade humanas.

Ligado a isso – a produção, circulação e interação com o conhecimento – se incluem inúmeros e múltiplos formatos textuais que, de fácil acesso ou não, cada vez mais se impõem no cotidiano. Assim, no âmbito da educação formal surgem novos cenários, onde o objeto de leitura abriga diferentes códigos e, nesse processo, se desenvolve a reflexão, a argumentação, o pensamento crítico por caminhos desafiadores às propostas tradicionais de prática de leitura, de mediação educativa em geral e a didático-escolar, em especial. A provocação leva à articulação com outros modos de conceber o processo de leitura a partir da interação com textos complexos. O trânsito atual de paradigmas educacionais passa da transmissão à interação, na busca da compreensão do mundo, da vida e da pessoa.

O lugar privilegiado para a aprendizagem da leitura ainda é a escola, onde o aluno deveria desenvolver competências leitoras a partir dos textos com os quais se alimenta, completando sua educação em patamares de diferentes dimensões. A ampliação do universo de compreensão se dá em âmbitos diversos, como intelectual, social, afetivo e também estético. Na medida em que o aluno recebe textos de qualidade, em quantidade e diversidade, e estes forem abordados de maneira adequada à sua natureza, é possível contribuir para a autonomia do sujeito, o qual será um leitor dos objetos ofertados pela cultura contemporânea.

Para que isso se torne viável, é preciso reverter, no campo educacional, a postura que busca soluções simplistas, pois não basta prover o contato das crianças com uma variedade de produtos culturais ou de textos artísticos, mas dar acesso por meio de uma exploração adequada. É importante também aproximar os docentes da dimensão estética dos textos literários, investir na formação profissional continuada, a fim de inserir a perspectiva literária, estética e visual nas práticas docentes.

O texto artístico abre espaços para a atuação do leitor, por sua dimensão esquemática, minimizando o caráter assimétrico do texto. Além disso, a presença de mais de uma linguagem na sua constituição faz dele um poderoso recurso na formação do leitor e, mais especificamente, do ser, já que a arte manifesta-se como um dispositivo que potencializa a sua humanização. Cabe à escola e aos seus agentes uma atenção redobrada no seu ofício, de modo que contribua para a formação de um olhar profundo e enriquecedor, que abrange a dimensão sensível e inteligível da leitura promovida pela literatura infantil. A atenção que os pequenos dispensam às manifestações desse tipo de texto é, por si mesma, suficiente para exigir um aprimoramento na formação dos mediadores de leitura.

Assim, verificou-se neste estudo, embora restrito à análise de duas capas, que a compreensão da leitura de textos dirigidos à criança não se prende ao código verbal, mas faz uso de outros recursos, como ilustrações – importantes na interação do leitor com a palavra, já que elas complementam ou reforçam as idéias contidas no texto escrito. Em *Balaio de gato*, o entrelaçamento das linguagens, pictórica e verbal, se dá de forma cromática, ou seja: a cor verde (elemento comum entre o título, a ilustração, o nome do autor e o logotipo da editora) destaca o principal elemento na capa, o gato. Na capa de *Todo cuidado é pouco!*, palavra e formas se sobrepõem sutilmente, como, por exemplo, na idéia de “cuidado” que a mulher de azul transmite ao segurar o bule, mas

também se faz pela capacidade de o leitor relacionar à imagem a um segundo adágio popular “não se pode dar um passo maior que a perna” – nota-se que os personagens andam a passos largos –, ocasião na qual se poderia empregar o ditado “todo cuidado é pouco”.

O entrelaçamento de linguagens verificado nas capas, além de seduzir ou não o leitor para ingressar na obra e sugerir dados sobre o universo encontrado no livro, reforça a idéia de que texto e ilustração se complementam e possuem igual valor para construção de significado. A interação das duas linguagens abre possibilidades de leitura que apenas um código não oferece, cabendo ao professor, como mediador de leitura, instrumentalizar o aluno para que atribua sentidos às nuances anunciadas já na capa dos livros infantis.

Notas

- 1 Este estudo é parte da pesquisa A produção de sentido e a interação texto-leitor na literatura infantil, realizada na Universidade de Caxias do Sul, com apoio da FAPERGS.
- 2 N.Ed. A *Perspectiva* só publica fotos em preto e branco.

Referências

- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.1.
- MELLO, Roger. *Todo cuidado é pouco!* Il. do autor. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1999.
- NEGRO, Mauricio. *Balaio de gato*. Il. do autor. São Paulo: Global, 2000.
- PERIN, Fabiana Tasca. *Os bolsos do mundo*. Ilustrador Joana Puglia. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- QUINTANA, Mário. *Esconderijos do tempo*. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 1980.

Investigating the cover of children's books

Abstract:

The training of a capable reader demands the interaction of different codes and should begin in early childhood. The article suggests that not only the inner side of children's books must be read at schools, but also their covers, so that the reader may learn how to develop his/her ability to interact with the codes presented as well as his/her capacity for understanding the book as a whole. In that sense, the starting point for the reader should be the outward sign of the book's content. From this perspective, this study brings a proposal of reading the covers of two books, *Balaio de gatos* and *Todo cuidado é pouco*. By doing so, it hopes to help the comprehension of those books. This study is based on Greimas' Semiotics theories (1991) and on some reflections by Zilberman (1984) about the nature of children's literature. Guidelines are provided on how to read books covers, which could be adopted by teachers as a tool to better deal with children's books.

Key words:

Reading. Literature-Teaching methods. Children and youth literature. Children-Books and reading.

Investigando las portadas de los libros infantiles

Resumen:

El proceso de formación de un lector competente exige la interacción con diferentes códigos y debe iniciarse esencialmente en la infancia. Como circulan en las escuelas libros infantiles, se propone la lectura de la portada de los libros, a partir de su presentación visual y de la palabra, con la finalidad de entregar a los profesores herramientas para desenvolver la capacidad de observación de los niños, dialogando con diferentes códigos, como también orientar el proceso de captación de la obra. En este sentido, este estudio presenta una propuesta de lectura para la portada de *Balaio de gatos* y *Todo cuidado é pouco*, buscando orientar el proceso de captación de obras, a partir de hipótesis de la teoría semiótica de Greimas (1991) y de reflexiones de Zilberman (1984). A continuación, se elabora un procedimiento de lectura de portadas de libros, el cual puede ser empleado por los profesores como un recurso metodológico al abordar un libro infantil.

Palabras-clave:

Lectura. Literatura-Metodología de la enseñanza. Literatura de jóvenes y niños. Niños-Libros y lectura.

Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul, Departamento de Letras.
Rua: Francisco Getulio Vargas, 1130- Petropolis
Telefone: (54) 2182100 Ramal: 2171 Fax: (54) 2182500
95070-560 - Caxias do Sul, RS - Brasil
flavia_ramos@uol.com.br

Neiva Senaide Petry Panozzo
Universidade de Caxias do Sul, Centro de Ciências Humanas
Sociais e Letras- Campus Carvi,
Alameda João Dal Sasso, 800.
Caixa-Postal: 32 . Telefone: (54) 4521188 Fax: (54) 4521188
95700-000 - Bento Gonçalves, RS .
nsppanoz@ucs.br

Recebido em: 09/11/2004
Aprovado em : 18/11/2004